

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino
Cleuma Sueli Santos Suto
Dejeane de Oliveira Silva
José Andrade Almeida Junior
Maria Thereza Ávila Dantas Coelho
Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva
Francielle Pereira Santos
Ludmila Nunes Mourão
Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Nívia Madja dos Santos
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussiara Silva da Costa

Universidade Potiguar RN - Unp
Natal-RN

Polena Valesca de Machado e Silva

Universidade Potiguar RN - Unp
Natal-RN

**GENDER RELATIONS IN CHILDHOOD
EDUCATION: PERCEPTIONS OF TRAINEES
OF THE COURSE OF PEDAGOGY**

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de descrever e problematizar as relações de gênero existentes no contexto escolar. Através de metodologia qualitativa e entrevista semi-estruturada, realizada com estudantes estagiários (as) na educação infantil do curso de Pedagogia, pretendemos saber quais suas reflexões diante das relações de gênero e como eles compreendem a relação. Sabemos que o espaço escolar faz parte da formação dos indivíduos, assim sendo, é um lugar privilegiado para a problematização envolvendo as possíveis consequências que as reproduções de diferenças entre meninos e meninas podem fomentar, em um primeiro momento, no interior da escola e, em seguida, na formação da sociedade de um modo geral. Saber até que ponto a discussão sobre gênero foi abordada durante a formação dos estagiários é vital para uma reflexão do modo como essa temática está sendo tratadas nas IES.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; relações de gênero; estágio.

ABSTRACT: This paper aims to describe and problematize the existing gender relations in the school context. Through qualitative methodology and semi-structured interview, carried out with students trainees in the early childhood education of the Pedagogy course, we intend to know what are their thoughts about gender relations and how they understand the relationship. We know that the school space is part of the formation of individuals, and therefore it is a privileged place for the problematization involving the possible consequences that reproductions of differences between boys and girls can foment, at first, inside the school and, in the formation of society in general. To know the extent of the discussion about gender addressed during the trainee's internship is vital for a reflection on the way in which this issue is being addressed in the IES.

KEYWORDS: Childhood education, gender relations, internship

1 | INTRODUÇÃO

A feminilidade/masculinidade atribuída as pessoas, na perspectiva social, é uma

construção gradativa, pois dependendo de qual época ou sociedade em que se vive, os atributos do que é ser homem ou mulher podem variar. É através de falas, representações, estímulos e atitudes que são construídas as representações de homens e mulheres. Louro (2013, p. 11) ao falar sobre a composição social dos corpos afirma que:

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura.

Em vista disso, gênero é uma construção cultural, onde, desde o nascimento de uma criança, se é ensinado a forma de como ser homem e mulher. Auad (2006, p. 21) afirma que as relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construídas em cada sociedade, ao longo da sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos.

A escola, por fazer parte da sociedade e ser um reflexo da mesma, podem acabar reproduzindo estereótipos naturalizados do que é ser homem e mulher. Como por exemplo, as separações de atividades por sexo, muito comum em sala de aula. Esta atitude, é naturalizada, repetida e as vezes não questionada por quem faz parte do contexto escolar, por ser uma herança cultural. Dessa forma, Lins (2016, p. 19) acrescenta que ao pensarmos que “matemática é coisa de menino”, que “menina é mais caprichosa”, enfim, que certas coisas são próprias de meninas e outras de meninos, estamos limitando as aprendizagens e as experiências de vida das crianças e adolescentes.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas, que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o socialmente se construiu sobre os sexos (VIERIA, 2013, p. 21).

Salienta-se também, que a escola, surge como um ambiente ideal de diálogo e reflexão sobre as temáticas relacionadas as desigualdades entre homens e mulheres. Auad (2016, p. 56) sustenta que a escola só será uma instituição comprometida com o fomento da solidariedade e desenvolvimento da dignidade quando também estiver comprometida com o termino das desigualdades entre o masculino e o feminino.

A justificativa sobre pesquisar as relações de gênero na Educação Infantil, sob a percepção de estagiários (as) do curso de Pedagogia, se deu como fruto de inquietações e questionamentos referente as estatísticas desiguais entre homens e mulheres na sociedade. Ao passo que, as representações repassadas as crianças sobre como ser homem e mulher, resultará em adultos com comportamentos

específicos. Conforme lembra Auad (2006, p. 19), vale ressaltar que as relações de gênero, do modo como estão organizadas em nossa sociedade, são uma máquina de produzir desigualdades.

Em termos de desenvolvimento, sabe-se que, desde muito cedo, as crianças de ambos os sexos são capazes de categorizar as outras pessoas em dois grupos, o dos homens e o das mulheres, a partir sobretudo, de aspectos exteriores, relacionados com a aparência e com os comportamentos exigidos numa diversidade de situações. Com a idade, e com a interiorização e utilização dos estereótipos de gênero, elas tomam consciência do que é esperado que ambos os grupos se comportem de forma diferente, como se a exibição de condutas distintas fosse inerente à pertença a uma das duas categorias sexuais possíveis (VIEIRA, 2013, p. 95).

Acrescenta-se, também, que esta pesquisa poderá contribuir nas pesquisas de alunos e interessados da área, e servir como base para futuras investigações e demais trabalhos que problematizam as relações de gênero no contexto escolar. Valendo-se que uma vez que um estudo é desenvolvido no espaço escolar, toda a sociedade é beneficiada.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar a compreensão e impressões dos estagiários (as) do curso de Pedagogia sobre as Relações de Gênero na Educação Infantil, valendo-se do fato de que estarão em breve nas escolas exercendo a docência. Como objetivos específicos, questionou-se aos estudantes estagiários (as) sobre a temática Relações de Gênero no contexto escolar e seus interesses sobre a este tema. Além disso, foi detectado se as Relações de Gênero foram abordadas na universidade no período da formação docente.

2 | O GÊNERO E SUAS DESIGUALDADES

As Relações de Gênero, fazem parte de uma construção gradativa, onde se classifica e estereotipa as pessoas com características do que é ser masculino ou o que é ser feminino a partir do que a sociedade espera. Louro (1997, p. 23) afirma que tal ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que existe a priori.

O conceito passa a exigir que se pense no plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 2015, p. 23)

Atribuições e padrões estabelecidos pelo senso comum da sociedade sobre a feminilidade e masculinidade não são exclusivas das características biológicas, existe uma construção social que é ensinada a criança desde seu nascimento, seja de forma natural ou até mesmo através de imposições. As justificativas para as

desigualdades entre homens e mulheres não devem ser isoladamente através das diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, nas formas de representação social. LOURO pondera que não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde à relação de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo a modo com as relações entre o feminino e o masculino foram engendrados socialmente (AUAD, 2006, p. 19).

Essas construções de gênero, acabam limitando as oportunidades iguais aos sexos, resultando assim, desigualdades nas várias áreas da vida de homens e mulheres.

Urge ainda enfatizar que a igualdade de gênero não deve ser entendida como igualdade de características entre os sexos, nem se deve basear na defesa de que homens e mulheres deverão ser coagidos a fazer as mesmas coisas. Antes, o que move a premência de se utilizarem as lentes de gênero é a defesa de que as pessoas de ambos os sexos deverão ter as mesmas oportunidades para aprender e para explorar desafios, sempre em consonância com as suas potencialidades, apetências e interesses individuais (VIEIRA, 2013, p. 81)

Um exemplo destas desigualdades, no âmbito profissional, de acordo com dados formulados pelo IBGE (2010), indica que independente da área de atuação, as mulheres tendem a receber salários inferiores aos dos homens.

Especificando a área do dado citado acima, na Educação, 83% dos profissionais são mulheres, mas recebem em média 72,1% daquilo que é pago aos homens (27,9% a menos). Já na área de Engenharia, Produção e Construção é aquela com o menor número de trabalhadoras, 21,9%, e elas recebem em média 66,4% do que os homens.

Um outro dado que afirma a desigualdade profissional, segundo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, de 2012, apesar de ganharem menos, as mulheres brasileiras têm uma jornada de trabalho maior do que os homens, onde 90% delas realizam tarefas domésticas, ao passo que entre os homens o número de 50%. Somando trabalho doméstico e trabalho renumerado, a jornada de trabalho semanal feminina é de 57 horas, enquanto dos homes é de 53 horas.

A dupla jornada está diretamente relacionada às expectativas de gênero que associam a feminilidade ao cuidado com a casa e a família. Essa forma desigual de distribuição de tarefas domésticas é verificada desde a infância onde as meninas tendem a assumir muito mais as atividades em casa do que os meninos. Segundo levantamento da ONG Plan International Brasil, em 2014, lavar louça é atividade realizada por 76,8% das meninas e 12,5% dos meninos.

Em suma, diante das estatísticas expostas acima, que mostram as

desigualdades de gênero na vida adulta, e por fim, uma estatística feita por crianças, é clara a ligação que existe entre o que se é ensinado como natural desde a infância e os números de desigualdade de gênero na vida adulta. Logo, o contexto escolar, por fazer parte da formação integral de seus alunos, é lugar privilegiado para que seja problematizado e refletido sobre relações de gênero.

3 | RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Metodologia

A análise é qualitativa com uma amostra de 10 estagiários (as), cursando entre 3ª e 7ª série do curso de Pedagogia da Universidade Potiguar – UnP. Natal, RN.

O instrumento de coleta de dados foi questionário com perguntas dirigidas no formulário do office 365º, no qual os dados foram produzidos autonomicamente pelo formulário Online.

Resultados e discursões da pesquisa

Foram entrevistados (as) 10 estagiários cursando Pedagogia, entre eles (as) 8 mulheres e 2 homens, entre 18 e 38 anos. Vale ressaltar que tínhamos como foco para pesquisa ambos os gênero, homens e mulheres, mas o número de homens estudantes no curso de Pedagogia e com estágio na Educação Infantil é bastante limitado.

No início do questionário foi indagado, em forma de pergunta aberta, se o tema Relações de Gênero decorreu em algum momento da formação docente ou se os entrevistados (as) tinham conhecimento se tal tema seria abordado em algum momento do seu curso de Pedagogia.

Houve algumas respostas afirmando a existência da abordagem das Relações de Gênero na graduação, mas não como disciplina, sim como palestra, trabalho ou algum conteúdo específico. Apenas duas pessoas falaram que não houve de forma nenhuma a discursão do tema. Em uma das respostas, é exposto interesse para que tal problemática seja visto na graduação: “ainda não foi abordada, em disciplinas. É fundamental para a profissão de educadores, gostaria de ter essa formação”.

Quando questionados (as) se o as Relações de Gênero devem ser trabalhadas na formação docente, 7 acreditam que sim, 2 acreditam que não e 1 não soube dizer. Vale evidenciar que durante a pesquisa, foi analisado a grade curricular atual do curso de Pedagogia em que tais entrevistados estudam (Universidade Potiguar – RN). A mesma inaugurou em 2018.1 uma nova estrutura curricular. Essa nova estrutura traz disciplinas específicas a respeito da diversidade, que ajudará os alunos na formação acadêmica sobre a temática e possivelmente sua postura enquanto estagiário e profissionais da educação.

Acreditamos ser na formação docente, que deve ser problematizado temáticas que incluem todo o processo da construção de novos sujeitos. Carvalho (2009, p.14) afirma que cursos de Pedagogia e Licenciatura, em particular, devem se comprometer com práticas pedagógicas que contribuam para erradicar as estruturas de dominação e promover a justiça, liberdade e felicidade na escola e na vida em geral”.

A formação docente e as práticas pedagógicas sensíveis à problemática de gênero atentam para a construção e desconstrução de representações (significados e valores denominados masculinos ou femininos) e sujeitos/identidades de gênero (como ser menino ou menina, mulher ou homem) em diferentes contextos educativos (CARVALHO, 2009, p. 31).

Foi questionado também, qual a opinião dos (as) estagiários (as) sobre a escola ser um ambiente apropriado para problematizar as Relações de Gênero. Dos entrevistados (as), 7 afirmaram que sim e 3 acreditam que não se deve abordar gênero na escola. Carvalho (2009, p. 27) afirma não ser possível transformar a desigualdade e construir a equidade de gênero sem um esforço educacional. Ademais, do ponto de vista da Aaud (2006, p.19)

é vital que as a categoria de gênero seja adotada, por desejar pesquisar aspectos das práticas escolares, especificamente na educação de meninos e meninas, que não seriam percebidos sem essa apropriação. Trata-se de contribuir para um questionamento nos fundamentos dos estudos sobre educação, ao se tomar como base as relações de gênero.

Ao perguntar se na escola onde exercem seus estágios, existem separação das crianças por sexo nas atividades pedagógicas e de recreação, evidenciou-se que, na sua maioria, as crianças não são estimuladas a fazerem atividades separadas por sexo. Do mesmo modo, não receberam orientação de seus superiores para que tal prática fosse feita.

Nesta questão, foi relatado que as divisões existentes nas atividades e brincadeiras são de forma autônomas e que as crianças já chegam o ambiente escolar com práticas inseridas fora da escola. Assim como foi detectado a opinião de alguns entrevistados sobre o tema:

“Pelo professor as crianças não são separadas, mas as próprias crianças se separam. Exemplo, quando peço para as crianças escolherem uma cor para pintar e um menina pega a cor rosa, geralmente os outros meninos dizem que é cor de menina porque o pai tinha dito que não podia rosa”

“Não vejo problemas entre meninos com brinquedo de menina e vice-versa, mas acredito que pra tudo existe limite. As vezes a maldade está em que vê”

Finalizando o questionário, foi indagado aos estagiários (as) se meninos e meninas devem brincar e fazer suas atividades pedagógicas independente do sexo, ou se deve haver separação. Todos afirmaram que não deve existir separação nas atividades, brincadeiras e estímulos e expuseram suas opiniões: *“Acredito que eles*

devem brincar livremente”, “Impedir um menino de brincar de boneca, pode-se perder no futuro um grande chefe de cozinha ou excelente um pai. Ou não”. “Independente do sexo a criança precisa de estímulos que a tragam possibilidades em muitos momentos. O adulto quando educador não percebe ou deixa acontecer separações entre atividades por motivos de sexo e gênero. Creio que eu não posso começar uma carreira como educador enquanto não me desconstruir para desconstruir os ambientes onde estiver atuando”. Vale ressaltar que em uma das respostas, é exposto uma inquietação sobre os “limites”: “Acredito que existe um limite, sabendo respeitar o espaço de cada um”.

4 | CONSIDERAÇÕES

A partir de uma pequena amostragem, o trabalho teve como objetivo pontuar percepções dos estagiários do curso de Pedagogia sobre as relações de Gênero na Educação Infantil.

Detectamos que há um interesse dos estagiários (as) referente às relações de Gênero. Embora em pequena amostragem, pudemos perceber um consenso de que é importante problematizar as questões de gênero, apesar de que os resultados também mostram, mesmo em pequena escala, que alguns estagiários (as) entenderam não ser importante e ou relevante abordar a temática na graduação e nem no campo de estágio.

Verificamos que a temática foi abordada na universidade no período da formação docente de forma transversal, por meio de temáticas secundárias e não por disciplinas específicas.

É importante ressaltar que o curso de pedagogia da Universidade Potiguar-RN inaugurou em 2018.1 uma nova estrutura curricular. Essa nova estrutura traz disciplinas específicas a respeito da diversidade, que ajudará os alunos na formação acadêmica sobre a temática e possivelmente sua postura enquanto estagiário e profissionais da educação.

É necessário compreender que meninos e meninas devem ter as mesmas possibilidades, os mesmos estímulos, os mesmos incentivos. Desfazer a ideia de que homens e mulheres nasceram para atividades distintas.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. Editora Contexto, 2006.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Inclusão da perspectiva de gênero na educação e na formação docente**. In *Discutindo relações de gênero na escola: Reflexões e propostas para a ação docente*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2009.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**. Revira volta. São Paulo, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes; WEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Déborah; HOOKS, Bell; PARKER, Richard; BUTLER, Judith. (Orgs.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Edição. Petrópolis: vozes, 1997.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito. Diferenças, igualdade**. São Paulo: **Berlendis & Vertecchia**, p. 118-146. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. Diferenças, igualdade. Coleção Sociedade em Foco. São Paulo, Berlendis e Vertecchia Editores, 2009.

VIEIRA, C. **Crescer sem discriminações. Perscrutando e combatendo estereotipias de gênero nas práticas familiares e escolares**. In Formação docente em gênero e sexualidade. Entrelaçando teorias, políticas e práticas, p. 65-91, 2013.

ANEXO: QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EI: PERCEPÇÃO DOS (AS) ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Essa pesquisa faz parte de estudos acadêmicos realizados pela aluna Jussiara Silva da 3ª série de Pedagogia da Universidade Potiguar. Desde já agradeço a colaboração de todos os estagiários interessados em contribuir e ressalto que não será necessário a identificação do participante.

01. Sexo

Feminino: 08

Masculino: 02

02. Idade

Entre 18 e 28 anos: 08

Entre 29 e 38 anos: 02

03. Qual série do curso de Pedagogia você está cursando?

3ª série: 06

4ª série: 0

5ª série: 03

6ª série: 0

7ª série: 01

04. Você está estagiando em escola pública ou privada?

Pública: 06

Privada: 02

05. Qual a função no seu estágio?

Auxiliar em sala de aula: 06

Auxiliar com crianças com necessidades especiais: 02

Outros:02

06. Seu estágio é em qual etapa da Educação Infantil?

Berçário: 01

Maternal: 01

Educação Infantil: 08

07. A temática gênero foi ou será abordada em algum momento na sua graduação?

De qual forma? Como uma disciplina ou como conteúdo de alguma outra?

- *Ainda não em forma direta, mas creio que sim.*

- *Ainda não de forma direta.*

- *Foi, como conteúdo.*

- *Conteúdo de alguma outra disciplina.*

- *Ainda não foi usada.*

- *A temática foi usada por meio de uma matéria. Mais especificamente num trabalho apresentado.*

- *Ainda não foi abordada.*

- *Na minha graduação ela foi abordada na forma de conteúdo, falando sobre gênero na idade média, e como essas pessoas eram tratadas pela sociedade e seus preconceitos.*

- *Ainda não foi abordada, em disciplinas. É Fundamental para a profissão de educadores, gostaria de ter essa formação.*

- *Não foi abordado como disciplina. Apenas em palestras.*

08. Em sua opinião, se deve abordar as relações de gênero na formação docente?

Sim: 07

Não: 02

Não sei dizer: 01

09. Na sua opinião, a escola é um espaço apropriado para problematizar as relações de gênero?

Sim: 07

Não: 03

10. Para você, o que os estudos de gênero abordam?

- As relações entre homens e mulheres: 07
- Orientação sobre sexualidade: 03
- Não sei dizer

11. Já teve interesse na temática relações de gênero?

Sim: 07

Não: 03

12. As crianças, em seu estágio, são separadas durante as atividades pedagógicas e recreação por sexo? Meninos e meninas?

Sim: 01

Não: 09

13. Espaço aberto para comentário sobre a questão anterior.

- *Não problemas entre meninos com brinquedos de menina e vice-versa, mas acredito que pra tudo exista limite. As vezes a maldade está em quem vê.*

- *Pelo professor as crianças não seriam separadas, mas as próprias crianças se separam. Exemplo, quando peço para as crianças escolherem uma cor para pintar e um menino pega a cor rosa, geralmente os outros meninos deixem que é cor de menina porque o pai dele tinha dito que não podia usar rosa.*

- *As atividades do cmei são todas elaboradas cuidadosamente para que não haja separação, porém percebe-se que alguns educadores ainda não estão preparados, talvez por princípios próprios, a seguir o planejamento na sua totalidade.*

- *Onde faço estágio não se tem separação entre meninos e meninas.*

14. No seu estágio, em algum momento, você recebeu alguma orientação (professor (a) ou da gestão) sobre como agir em relação as divisões ou não, de atividades e brincadeiras, entre meninos e meninas?

Sim: 04

Não: 06

15. Espaço aberto para comentário sobre a questão anterior.

- *A professora me disse que as crianças tinham autonomia de escolher o grupo, e que não pra fazer a divisão entre menino x menina.*

- *Nunca recebi orientações sobre esse tema no estágio.*

- *Na escola onde eu dou meu estágio, a orientação foi de não separar os alunos por gênero, e se aluno ou aluna, quer participar da brincadeira ou atividade em grupo.*

16. Em seu estágio, você acredita que meninos e meninas recebem os mesmos estímulos (cognitivos, motores, etc)?

Sim: 06

Não:04

17. Espaço aberto para comentário sobre a questão anterior.

- *Sim, inclusive desde as atividades, jogos e brincadeiras.*

- *Acredito que sim, pois como as atividades e as brincadeiras são realizadas da mesma forma para todos, então todos são estimulados igualmente.*

- *Sim recebem, pois as atividades são feitas para todos e não são separadas por gêneros.*

- *O tratamento para ambos os gêneros são o mesmo.*

18. Você já presenciou, no estágio, alguma situação que envolvesse as relações de gênero (meninos e meninas)? Se sim, pode contar? Qual sua opinião?

- *Não*

- *Não*

- *Um menino tinha o cabelo grande e tinha outra criança que o chamava de “ela” e o reconhecia como menina apenas por ele ter o cabelo grande. A experiência que estou tendo é que na escola que estou não faz essa separação de menina x menino, mas as crianças já vem agregadas com esse valor de rosa de menina, bola é de menino, pois os próprios pais já dizem isso a eles.*

- *Sim. Uma certa educadora, desenvolveu uma atividade no parque, na qual se constituía em: meninas nas casinha com suas bonecas e meninos no futebol. Se algum menino se aproximasse, ela mandava que saísse e fosse jogar bola.*

- *Não*

- *Nas atividades geralmente eles brincam livre. Como por exemplo, vejo meninas jogando futebol junto aos meninos e isso é algo normal.*

- *Não*

- *Não*

- *Brinquedos rosa, de utensílios do lar e bonecas só para meninas. Carrinhos e ferramentas ou bolas só para meninos em alguns momentos.*

- *Sim. Meninas brincando de bonecas por enquanto que meninos não podem brincar de boneca.*

19. Você acredita que meninos e meninas devem brincar ou fazer atividades livremente, independente do sexo? Ou deve-se existir sim uma separação? Pode nos falar sua opinião?

- *Devem brincar e fazer suas atividades livremente dentro do limite, sem extremos.*

- *Acredito que exista um limite, sabendo respeitar o espaço de cada um.*

- *Brincadeiras iguais, elas podem escolher o que quiserem.*

- *Meninos e meninas podem e devem brincar juntos do que quiser. Na educação*

infantil, existe o fazer pedagógico em tudo. Impedir um menino de brincar com um fogãozinho ou de cuidar da boneca, pode-se perder no futuro um grande chefe de cozinha ou excelente pai. Ou não.

- Acredito que eles podem brincar livremente.

- Sim. Por que menina não pode brincar de carro com meninos? Se quando maior, a mulher pode ter seu próprio carro...

- As atividades devem acontecer livremente, pois o que importa é a criatividade da criança, além da diversão.

- Sim, as brincadeiras quando ambos os gêneros participam o professor consegue quebrar esse dilema, que existe brincadeiras para meninos e outras para meninas, nós podemos envolver melhor toda a turma para quebrar alguns tipos de preconceitos.

- Independente do sexo a criança precisa de estímulos que a tragam possibilidades de aprendizado e expressão livre, infelizmente em muitos momentos o adulto quando educador não percebe ou deixa acontecer separações entre as atividades por motivos de sexo e gênero. Creio que não posso começar uma carreira como educador enquanto não me desconstruir para desconstruir os ambientes onde estiver atuando.

- Não deve existir separação.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

